

## UM OLHAR SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA: UMA LEITURA DO CONTO "I LOVE MY HUSBAND" DE NÉLIDA PIÑÓN

Adriele Gehring, (UNESPAR/FECILCAM), adrielegehring@hotmail.com

Wilma dos Santos Coqueiro (OR), (UNESPAR/FECILCAM), wilmacoqueiro@ibest.com.br

**RESUMO:** Decorrente da crítica feminista, a narrativa de autoria feminina é reconhecida, ganhando cada vez mais projeção no campo literário. Nessa perspectiva, na trajetória da Literatura de autoria feminina no cenário brasileiro, Nélide Piñón aparece como uma das mais importantes representantes da fase feminista dessa literatura. Essa escritora constrói o universo feminino, arraigado às convenções sociais e seus conflitos, questionando os valores patriarcais. Sendo assim, o foco desse trabalho centrar-se-á na análise do conto "I love my husband", que integra a coletânea *O calor das coisas* (1980), de Nélide Piñón. A análise do conto respalda-se nas discussões que emergem dos estudos feministas de autoras como: Elódia Xavier (1998) (1999) e Lúcia Osana Zolin (2009) (2011).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Literatura de autoria feminina. Representação feminina. Nélide Piñón.*

### INTRODUÇÃO

Para se realizar como mulher, de acordo com o padrão social imposto pelo patriarcado, seria necessário constituir uma família, como se isso fosse condicionado pelo destino e como se a dedicação e a subserviência aos outros fosse a grande felicidade e satisfação na vida de uma mulher. A partir das lutas e conquistas feministas, a fim de reconhecer a mulher como sujeito histórico, social e literário, a literatura de autoria feminina pôde ganhar espaço na história literária.

No presente trabalho, escolhemos a escritora Nélide Piñón, representante da fase feminista na trajetória da Literatura de Autoria feminina no Brasil, por apresentar obras relacionadas, principalmente, com a temática do cotidiano feminino, pois giram em torno da figura feminina, representando mulheres com um perfil idealizado pela ideologia patriarcal.

Assim, veremos no conto "I Love my husband", de Nélide Piñón, que a mulher, mesmo vivendo de acordo com os padrões vigentes, mostra-se insatisfeita nessa condição.

### CRÍTICA FEMINISTA E A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Historicamente, a mulher sempre ocupou uma posição de inferioridade e submissão no meio social e na hierarquia familiar. Sendo assim, em meados da década de 60, em meio a vários movimentos de contestação, começam a emergir lutas, conquistas e inquietações femininas na busca por um espaço, por autonomia, por uma identidade própria, questionando os valores conservadores impostos e mostrando a insatisfação com o lugar ocupado. As mulheres se tonam libertárias e revolucionárias. Passam a ter controle sobre o próprio corpo, em virtude das pílulas anticoncepcionais, conquistam um espaço no mercado de trabalho, ocupando profissões que, até então, eram tidas como

masculinas. De certa forma, ocorre a emancipação social feminina. Nesse contexto, surgem discussões e estudos feministas dos quais se observam um interesse pela questão da alteridade. O espaço relegado à mulher na sociedade, fez com que seu papel, tanto no âmbito social quanto no acadêmico, ficasse à margem do papel central ocupado pelo homem, atribuindo-lhe assim, uma alteridade, ou seja, uma exterioridade em relação ao que é considerado centro.

Dessa forma, a partir do movimento político e social feminista, nasce a crítica feminista. A crítica feminista atua, portanto, interferindo na ordem social, pois trabalha no sentido de desconstruir as ideologias de gênero construídas e sustentadas pela cultura, desmistificando a oposição homem-dominador/mulher-dominada e desestabilizando a legitimidade da representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura canônica, despertando o senso crítico em relação às convenções sociais e transformando a condição de subjugada da mulher:

Trata-se de romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. Tais discursos não só interferem no cotidiano feminino, mas também acabam por fundamentar os cânones críticos e teóricos tradicionais e masculinos que regem o saber sobre a literatura. Assim, a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de pós-estruturalismo. (ZOLIN, 2009, p. 218)

A mulher não existia como sujeito social, tampouco como sujeito literário, pois se manteve por muito tempo invisível historicamente, no que se refere à produção literária e à produção crítica e teórica, espaço tradicionalmente demarcado pelo homem. Do mesmo modo, as produções literárias canônicas sempre foram ocupadas por escritores masculinos, os quais representavam a mulher, ideologicamente, sob um estereótipo negativo, por meio de emblemáticos papéis femininos associados à passividade e à objetificação, chancelando a ideologia patriarcal e legitimando as ligações entre sexo e poder. Segundo Zolin (apud RAPUCCI; CARLOS, 2011, p. 226), a dificuldade de aceitação de uma literatura escrita por mulheres ocorre por que “representa o avesso da ideologia patriarcal, responsável pelo silenciamento histórico da mulher e pela, igualmente, histórica dominação masculina”. No entanto, a partir da consciência feminista, a literatura de autoria feminina é reconhecida e busca inserir a mulher na historiografia literária. Nesse sentido, a crítica feminista tenta resgatar e reinterpretar a produção literária feminina ignorada até então, desestabilizando a legitimidade da representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura canônica.

A crítica feminista tem o objetivo de contestar o patriarcado, reivindicando a visibilidade e legitimidade da mulher como sujeito histórico nos contextos sociais e literários, “questionando fatores como poder, valor, hierarquia, responsáveis pela canonização de uns e pela exclusão de outros”

(XAVIER apud RAMALHO, 1999, p.15). Entretanto, a crítica feminista não prega a abolição do cânone, mas sim a sua flexibilidade, permitindo a valorização de obras invisíveis, até então.

Embora tenha permanecido na historiografia literária, a mulher sempre produziu literatura. Dessa forma, a norte-americana Elaine Showalter investiga a trajetória da literatura de autoria feminina no romance inglês a fim de “perceber a recorrência de geração para geração, a determinados padrões, temas, problemas e imagens” (ZOLIN, 2009, p. 329), ou seja, as características dos textos femininos de cada época, denominada por ela de: “*female literary tradition*”. Elaine Showalter descreve, então, três fases percorridas: “a de *imitação* e de internalização dos padrões dominantes; a fase de *protesto* contra tais padrões e valores; e a fase de *autodescoberta*, marcada pela busca da identidade própria” (ZOLIN, 2009, p. 330).

A partir do estudo de Elaine Showalter, a pesquisadora carioca Elódia Xavier (1998) pesquisa a trajetória da narrativa de autoria feminina na literatura brasileira e observa que esta é marcada pela fase *feminina*, em que as mulheres, enquadrando-se nos padrões românticos, baseavam-se nos escritores masculinos, iniciada pela publicação de *Úrsula* (1859), de Maria Firmino dos Reis; pela fase *feminista*, representada por contestações aos valores dominantes, apresentando a repressão feminina nas práticas sociais e pondo em questão a relação de gêneros, inaugurada pela escritora Clarice Lispector com a publicação *Perto do coração selvagem* (1944); e pela fase *fêmea*, iniciando-se nos anos 90, fase de autodescoberta, de construção de uma nova identidade, englobando temas existenciais e universais, marcada por erotismo, sedução e contestação.

No cenário brasileiro, é a escritora Clarice Lispector a precursora da tradição literária feminina. Dessa forma, a partir do espaço aberto por Clarice Lispector, as contribuições literárias femininas que estiveram por muito tempo escondidas e isoladas na história da literatura, começam a aparecer nos anos 70 e 80, ao lado de consagrados escritores. Para citarmos apenas algumas: Lígia Fagundes Telles, Nélda Piñon, Lya Luft, Marina Colasanti e Márcia Denser.

### **NÉLIDA PIÑON: UM OLHAR SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA**

Importante representante da fase feminista da literatura de autoria feminina no Brasil, Nélda Piñon tem a condição feminina e a discriminação social da mulher como temas recorrentes em sua vasta obra composta, sobretudo, de contos e romances, retomando-os em sua composição narrativa de forma crítica e contestadora, mas não panfletária, incomodando assim o pensamento ideológico de alguns críticos que se calçam nos ideais patriarcalistas.

Nélda nasceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1937, formou-se em jornalismo sendo também romancista e contista de grande sucesso, tendo suas obras traduzidas para mais de 20 países.

Ocupa a cadeira de número 30 da Academia Brasileira de Letras, desde o ano de 1989. Em 1996, tornou-se a primeira mulher, em 100 anos, a presidir a Academia Brasileira de Letras, ano de seu primeiro centenário.

Dentre os livros que escreveu está *O calor das coisas*, publicado em 1980, no qual a autora apresenta treze contos de sua autoria, dentre os quais está “I love my husband”, um de seus contos mais conhecidos, que resgata o tema “mulher e suas relações sociais” e “põe em discussão o binômio linguagem do senso-comum/linguagem da mulher”, como sugere Zolin (2003, p. 115).

O conto, narrado em primeira pessoa, traz uma personagem de meia idade que conta com melancólica ironia a rotina de sua vida de esposa e mulher, servidora de um marido que a transformou em sombra de suas ações e cumpridora de seus desejos; ele sendo o mantedor da casa e ela a boa esposa, prendada e dedicada aos assuntos domésticos, como manda a boa educação, de acordo com as regras da sociedade patriarcal na qual estavam inseridos, onde “a divisão dos sexos parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável” (BOURDIEU, 2002, p. 14).

Logo no início do conto, observamos a afirmação “eu amo meu marido”, que pode ser ironicamente interpretada, pois tal afirmativa é desconstruída e negada no decorrer da narrativa. Ainda no primeiro parágrafo, vemos fortes indícios disso quando a mulher diz: “[...]. Bato-lhe a porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raia e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado” (PIÑON, 1997 p. 51).

Prova também de que esta mulher vive em função de seu marido, fazendo das vontades dele suas obrigações cotidianas. A partir daqui, ela começa a enumerar pequenas situações e detalhes de sua vida conjugal, os quais ela vai mostrando, segundo Zolin (2003, p. 115), “com a intenção aparente de convencer a si própria e ao leitor de seu amor pelo marido e de seu ajustamento ao ideal burguês de casamento”.

Não vemos, inicialmente, gestos de carinho do marido para com a esposa nem consideração por sua dedicação, ao contrário, o que percebemos é a irritação dele: “Ele grunhe com raiva” (PIÑON, 1997 p. 51), diante da insistência da mulher para que tome seu café, ao passo que ela diz vociferar com aflição, mostrando medo e submissão ao homem que traz o sustento para dentro de sua casa. Mais adiante no conto, na passagem: “Ele diz que sou exigente, que fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima ainda reclamo da vida” (PIÑON, 1997 p. 51), o marido deixa claro seu modo de ver a esposa, que está relegada à opressão doméstica, enquanto ele detém o poder do meio social que lhes pertence, que é o lar. Segundo Bourdieu (2002, p. 32), essa divisão de poder dentro e fora de casa

acontece, porque além de se inscrever nas coisas, “a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados”. Vemos, então, mostrado no conto uma relação de poder, na qual o homem, que trabalha para sustentar a mulher, se acha no direito de possuí-la e “tragá-la duas vezes por semana” (PIÑON, 1997 p. 51).

A narradora do conto de Nélide tem consciência de sua submissão ao marido e à sociedade burguesa em que está inserida, mas nada faz para mudar esta realidade. Esse casal é apenas mais uma reprodução do pensamento ideológico de toda uma época, reprodução de valores que apenas fazem diminuir a mulher, parte tão importante para o desenvolvimento e crescimento de uma economia, pois, como afirma Bourdieu (2002, p. 52): “As mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico e poder dos homens”.

Na passagem: “e dizendo que eu era parte de seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir” e logo adiante: “comecei a ambicionar que maravilha não seria viver apenas no passado” (PIÑON, 1997 p. 52), percebemos a nostalgia que toma conta da personagem, o desejo de mudança em sua rotina que apenas limitava-se à cozinha, sala, quartos e área de serviços, como se estivesse “reproduzindo a linguagem da ideologia vigente” (ZOLIN, 2003 p. 116), não querendo, porém, acreditar que seja natural e normal desempenhar este papel.

Num outro momento do conto, a mulher se revolta com a confissão do marido que diz aos amigos: “[...] mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela” (PIÑON, 1997 p. 52). Tudo lhe era aceitável, a submissão, as obrigações domésticas, as “regras ditadas no convívio comum”, mas não ser dona do próprio corpo era demais até mesmo para ela, que aceitava sua condição de mulher. Ela se rebela com tal afirmação do marido, fato que é apresentado no conto por meio de um delírio no qual ela fantasia e imagina uma fuga da realidade:

Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava os meus caninos nas suas jugulares aquecidas, enquanto Clark Glabe, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão, ia pedindo de joelhos o meu amor [...] aos gritos proclamando liberdade, a mais antiga e miríade das heranças. (PIÑON, 1997 p. 53-54)

Ela tenta fugir da realidade, mesmo que temporariamente, proclamando sua liberdade, por meio da construção de um mundo inacessível ao marido e ao resto da sociedade, que era cenário de seu aprisionamento. A personagem constrói esse cenário em meio à natureza, que simboliza a liberdade. A referência que a personagem faz ao mundo natural e selvagem simboliza, então, seu desejo de ser livre de todas as amarras que a sociedade a impôs, com seu casamento de aparências e

uma vida, que aos olhos alheios, deve parecer perfeita. Durante seu devaneio, a mulher retira a máscara social que lhe é imposta e resgata a identidade que fora perdida no meio das regras e convenções sociais que era obrigada a seguir. Mas volta rapidamente à sua realidade, envergonhada dos pensamentos ruins que teve sobre seu dedicado marido: “para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café fresco e bolo de chocolate. Ele aceitou que me redimisse” (PIÑON, 1997 p. 55).

Nesse mesmo sentido, vemos a personagem abnegar sua própria identidade, que apresentou durante a manifestação de seus desejos inconscientes, por um casamento de aparência, no qual ela cumpre o papel de esposa exemplar. Ela tenta negar suas vontades e se enquadrar no ideal burguês, ao mesmo tempo em que tenta convencer a si mesma e ao leitor de que não há conflito algum e que aceita a imposição da ideologia matrimonial. Mas esse convencimento não acontece, uma vez que “não se realiza que ela sucumbiu aos indignos atos de pássaro, ou às tentações, a que nos remetemos na segunda seqüência da narrativa, à revelia do desejo do marido e de sua prontidão em acatá-lo” (ZOLIN, 2003 p.117).

Nesse sentido, por meio dos “atos de pássaro”, vemos o lado, mesmo que inconsciente e no nível da fantasia, não moldado da personagem, que não sofreu interferência da cultura. É sua tentativa de fugir das regras e de tudo o que lhe era imposto desde o momento em que nascera, pelo simples fato de ser mulher; justamente por isso fora ensinada pelos pais que deveria “viver a vida do marido”, pois para a sociedade, como afirma Zolin (2003, p. 8), “a dominação masculina é tomada, como necessária, e a mulher, como um ser fraco, de um lado, e maléfico ou venenoso, do outro, cuja submissão é benéfica a todos”. Mas ela não se vê capaz de deixar fluir sua vontade: “Estes meus atos de pássaro são bem indignos, feririam a honra de meu marido” (PIÑON, 1997 p. 57). Esses atos representariam sua liberdade, e todos os desejos que nunca pode realizar devido a sua condição social de mulher e dona de casa, sendo ela um símbolo de resignação e dominação.

O conto vai se desenrolando com os questionamentos da personagem-narradora sobre sua posição de subordinação, sua inquietação e rebeldia, porém esses sentimentos conflituosos são sucumbidos pela acomodação à situação de aparência em que vive, onde está colocada como mulher-objeto: “às sete da noite, todos os dias, ele abre a porta sabendo que do outro lado estou à sua espera” (PIÑON, 1997 p. 58).

A narrativa é encerrada com a mesma afirmação que a iniciou, acrescentando apenas uma expressão de afirmação: “Ah, sim, eu amo meu marido” (PIÑON, 1997 p. 59). Apesar da ironia visivelmente empregada, observamos com essa afirmação que a personagem, assim como Ana, a protagonista do conto “Amor”, apesar de sua inconformidade com a situação em que vive, não consegue “romper o círculo da opressão dominante” (ASSIS, 2008 p. 105). Nesse sentido, para

Bourdieu (2002, p. 81): “As mulheres muitas vezes não tem outra escolha senão a de se excluir, ou de participar, pelo menos passivamente, para tentar se integrar, expondo-se, então, a não poder protestar”.

A personagem questiona a discriminação social que sofre, mas não a supera no decorrer da narrativa. Por fim, mesmo depois de deixar seus desejos livres e ter vivido por instantes sua própria identidade, a esposa volta, então, a vestir a máscara de boa esposa e aceita a vida que lhe deram; desfecho este, que Zolin (2003, p. 118) caracteriza como “decepcionante”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto analisado, “I Love my husband”, de Nélide Piñon, deixam intervir uma série de elementos que corroboram para uma reflexão mais apurada acerca do universo feminino. Podemos perceber que o conto, mesmo tendo sido publicado há algum tempo, em 1980, mostra a posição de inferioridade e submissão da mulher no contexto social e familiar, deixada como herança da tradição patriarcal, e que se estende até os dias de hoje.

O conto supramencionado representa a personagem feminina sob um estereótipo de mulher dona-de-casa, que vive para o seu marido, reduzida aos limites do lar, bem como as relações de gêneros, no binarismo hierarquizante, entre homem e mulher. No entanto, há uma contestação aos valores impostos pelo patriarcado, por meio do descontentamento e da insatisfação interior da personagem, significando um processo de libertação feminina dos moldes tradicionais e uma busca por uma identidade própria.

No conto de Nélide Piñon, “I Love My husband”, não há nenhum momento específico de ruptura com esses moldes, nem atos de transgressão, mas a personagem dá muitos sinais de insatisfação, por meio de seus devaneios. No entanto, essa mulher mesmo contra a sua vontade, busca uma aceitação de si própria, a fim de ser aceita no meio social, pois, a todo o momento, tenta se impor à sua condição feminina, tenta se iludir com a realidade que lhe é imposta e tenta se convencer do seu destino de mulher.

### REFERÊNCIAS

ASSIS, Elma Carolina Gomes de. **Vozes múltiplas em “I love my husband” de Nélide Piñon.** Goiânia: 2008, 116f. Dissertação (mestrado). Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/19/TDE-2009-02-13T142739Z-555/Publico/Elma](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/19/TDE-2009-02-13T142739Z-555/Publico/Elma). Acesso em: 18 de jan. 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PIÑÓN, Nélide. "I love my husband". In: \_\_\_\_\_. **O calor das coisas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

\_\_\_\_\_. Para além do cânone. In: RAMALHO, Christina. **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões Críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

\_\_\_\_\_. Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória. **Revista. Mulher e Literatura**. Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: [HTTP://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm](http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm), acesso em: 24 de nov. 2011.

ZOLIN, Lucia Osana. **Desconstruindo a opressão: A imagem feminina em A República dos Sonhos de Nélide Piñón**. Maringá: Eduem, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os estudos de gênero e a literatura de autoria feminina no Brasil**. 15º Congresso de Literatura do Brasil: 2005.

\_\_\_\_\_. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

\_\_\_\_\_. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a crítica literária feminista. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; CARLOS, Ana Maria (Orgs.). **Cultura e representação: ensaios**. Assis: Triunfal gráfica e editora, 2011.